Cheiro a Giz

Por detrás de cada grande livro há uma gigantesca construção de vazio que só é possível intuir, os espaços entre as linhas que se escondem como lâminas em riste. O escritor **Ádám Bodor**, que ostenta uma das mais brilhantes prosas da narrativa húngara contemporânea, prolonga nos seus romances este silêncio sinistro que cresce por detrás do texto, enquanto confere à história um poder lírico cuja função é conter o nada que transborda do exterior e ameaça aniquilar tudo no seu caminho.

Ádám Bodor nasceu em 1936 em Cluj-Napoca (**Kolozsvár**), uma cidade romena com uma população Magyar localizada na região da Transilvânia. Aos dezassete anos de idade foi preso e encarcerado pela polícia secreta romena e mais tarde pela polícia secreta húngara, primeiro por ser um Magyar, depois por ser anticomunista. Mas a voz narrativa de Bodor não se resolve em queixa, denúncia ou discurso moral (histórico), mas sim na forma mais pura da experiência humana sujeita a determinadas circunstâncias, neste caso, um regime totalitário, ao qual, a propósito, nunca se refere explicitamente. As suas personagens habitam o extremo inferior da escala dos valores humanos, são seres que chafurdam na sua abjeção, com passados incertos, intenções que é melhor não revelarem e um futuro inexistente; e no entanto, são absolutamente cativantes, têm um ar mágico-realista.

Cheiro a Giz

Ádám Bodor

Rekk o Viloso, o sovina, vive numa casa cujos olhos estão fechados, a janela com vista para a rua está escondida por um obturador. A porta da rua está sempre fechada, o pátio atrás da vedação de lata é minúsculo e estéril, não cresce nele erva, nem boa nem má, porque Rekk o Cabeludo, desde o início

da Primavera, rega-a com todo o tipo de excrementos; durante as semanas secas de Verão, quando o vento, que rodopia preguiçosamente sob as paredes, a seca ainda mais, o pátio sombrio assemelha-se a um deserto protegido por um pedaço de cerca.

Rekk o Viloso, é visto na rua duas vezes ao dia. De manhã cedo, quando vai à padaria com um saco de pano sebento de pegas de arame na mão e o dinheiro para pagar o pão num envelope selado. Depois, à noite, quando sai à rua para esvaziar o balde de fezes imundas. Nestas ocasiões, ou regressa imediatamente ao seu quintal estéril ou anda a vaguear com o balde na mão. Ele é simplesmente o “homem do balde”, a figura que inspira tal indiferença que poucos viram a cabeça para o olhar.

Indiferente, do outro lado da rua vive Vilmos Trenkó, com a sua grande família, os dois velhos, Trenkó e a mulher, três filhos, duas filhas, genros e noras. Estas pessoas cobriram o seu pátio com uma latada de videiras e clematites trepadeiras, plantaram dalias, dentes-de-leão e salicórnia por todo o lado, semearam sorrel, endro e salsa no quintal, e desde os pés das paredes até aos beirados, caules de malvas erguem-se para o céu. Normalmente comem juntos à volta de uma grande mesa comum debaixo da árvore ou no próprio quintal, por vezes apenas ligeiramente vestidos, conversando em roupa interior e chinelos nos pés. Os seus convidados frequentes também se movem entre eles em mangas de camisa como parentes próximos. E eles convergem. Estão habituados ao silêncio poeirento e seco da casa do outro lado da rua, aos seus olhos sempre fechados, e ao seu próprio pátio ser queimado principalmente pelo sol, e não pelo olhar ardente de curiosos. Eles nunca pensam em Rekk, o Viloso.

É que Rekk o Viloso, exceto quando está fora de casa para a sua saída matinal com a bolsa de pano ou durante o seu passeio noturno com o balde de água imunda, passa o dia sentado e fechado em casa num banco de pernas compridas junto à janela

do seu quarto.

Senta-se à frente de um buraco que fez numa das persianas depois de a ter fechado de vez. A madeira à volta do buraco tornou-se pegajosa ao tocar-lhe com o nariz, podre e esponjosa da sua respiração, e se não fosse o seu próprio cheiro, o próprio Rekk, o Viloso, poderia sentir como se tinha tornado imundo pela sua proximidade. Mas Rekk, o Viloso, não conhece o seu próprio cheiro, nem se importa. Ele está mais interessado no que a família Trenkó come, o que eles podem pagar, quanta carne deixam nos seus ossos roídos, e, a propósito, qual é a sua opinião, por exemplo, sobre o pão diário em geral, o manto presidencial, a Academia das Ciências ou sobre as excelentes tintas de cabelo.

Senta-se simplesmente atrás do buraco e observa tranquilamente, e pensa que o tempo está a trabalhar para ele.

Um dia, porém, apanhou um susto. Cheirou-lhe a giz no quarto!. Este cheiro, que escapa muito raramente das salas de aula, não se infiltrou da rua através de aberturas ou fendas ou através do buraco que ele fez na janela. A sua origem está algures no quarto pouco iluminado. Rekk, o Viloso, continua a circular à sua volta, e é incapaz de se livrar do cheiro a giz. Persegue-o como a uma mosca impertinente empoleirada na ponta do seu nariz. Está lá, é preciso cheirá-lo.

Depois Rekk o Viloso acende a luz, e vê-se no vidro obscuro da janela aberta, vê que o seu nariz está manchado com giz. Ao limpá-lo, descobre a mensagem escrita a giz debaixo do olho da porta:

TEM O NARIZ MANCHADO DE GIZ!.

“Tenho o nariz manchado de giz?”.

Desconcertante. Quem quer que o tenha escrito estava certo. É preciso agarrar-se a alguma coisa. Sim, sim, porque o giz com que o seu nariz está manchado é o mesmo giz com que um

desconhecido rabiscou um prenúncio no interior do obturador.

Desconcertante. Alguém. Um mais ou menos. Um indivíduo, aquele que talvez neste preciso momento esteja agachado numa prateleira atrás do buraco perfurado no armário, perseguindo-o enquanto ele respira num suspiro ofegante.

Tradução de Eszter Orbán e Elena Ibáñez

Fonte: Cortesia da Fundação Húngara do Livro (Magyar Könyv Alapítvány) e da Revista Digital Lho.es

Versão Portuguesa: Arnaldo Rivotti